

**Crônica: jornalismo autobiográfico
nos jornais da cidade do Natal (1950-1980)¹**

***Chronicle: Autobiographical journalism
in newspapers from Natal (1950-1980)***

Gustavo Leite SOBRAL²
Juliana BULHÔES³

Resumo

A crônica é um híbrido, está entre o jornalismo e a literatura, funcionando como um registro autobiográfico, memorialístico e histórico de um tempo. Neste contexto, a pesquisa dedica-se a resgatar a memória do jornalismo praticado no Rio Grande do Norte a partir das crônicas produzidas na cidade de Natal entre as décadas de 1950 e 1980. Os cronistas que se sobressaíram e perduraram na atividade nesse período foram Newton Navarro, Berilo Wanderley e Sanderson Negreiros. A partir da crônica como registro, selecionamos fragmentos das crônicas e relacionamo-nas com as trajetórias de vida e profissional destes cronistas, formando um relato ensaístico-biográfico. Por fim, destacamos que a crônica carrega em si marcas autobiográficas dos cronistas, o que fornece rico material para pesquisa sobre a história do jornalismo.

Palavras-chave: História do jornalismo. Crônica. Jornalismo autobiográfico. Jornalismo potiguar.

Abstract

Chronic is a hybrid, is between journalism and literature, working as an autobiographical record, memorialistic and history of a time. In this context, the research is dedicated to rescuing the memory of journalism practiced in Rio Grande do Norte from chronic produced in the city between the 1950s and 1980. The chroniclers who stood out and persisted in activity in this period were Newton Navarro, Berilo Wanderley and Sanderson Negreiros, journalists who had their stories published in newspapers that circulated at the time. Thus, we selected fragments of chronic and we relate them with their life histories and professional, creating a biographical essay report. Finally, we point out that chronic carries itself autobiographical marks the chroniclers, which provides rich material for research on the history of journalism.

Keywords: History of journalism. Chronic. Autobiographical journalism. Journalism from Natal.

¹ Uma versão deste trabalho foi apresentada no IV Encontro Nordeste de História da Mídia.

² Mestre em Estudos da Mídia (PPgEM-UFRN). E-mail: gustavosobral1041@gmail.com

³ Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade de Brasília, em Jornalismo e Sociedade. E-mail: julianabulhoes.ad@gmail.com

Introdução

A história da vida cotidiana está na crônica. A crônica nasceu no jornal para ocupar o espaço da narrativa do cotidiano pela visão pessoal, narrativa e lírica do cronista, que utiliza em seu trabalho os recursos literários disponíveis. Assim, figura como um híbrido entre o jornalismo e a literatura tanto na forma, quanto no tema e funciona como um registro autobiográfico, memorialístico e histórico de um tempo.

A crônica pode ser incluída também como *modus* da “escrita de si” (BRANDÃO, 2008), tendo em vista que é puro exercício de recuperação da memória, da história social, da história do simples da vida, este que é o todo objeto e assunto da crônica.

Dessa forma, propomos fomentar um resgate histórico da memória do jornalismo praticado no Rio Grande do Norte por meio do estudo de crônicas produzidas na capital do estado entre as décadas de 1950 e 1980. Os cronistas que se sobressaíram e perduraram na atividade nesse período foram Newton Navarro, Berilo Wanderley e Sanderson Negreiros, jornalistas que tinham suas crônicas publicadas nos jornais impressos que circulavam na época, *A República*, *Diário de Natal* e *Tribuna do Norte*.

Nesse contexto, selecionamos fragmentos das crônicas de Newton Navarro, Berilo Wanderley e Sanderson Negreiros a partir da consulta aos arquivos dos jornais mencionados e a antologias e coletâneas de crônicas dos ditos cronistas (presente nas referências) que correspondem a produção do período de atividade delimitado (décadas de 1950 a 1980) e relacionamos com as próprias trajetórias dos jornalistas, formando um relato ensaístico-biográfico que traz à tona as nuances da vida dos cronistas e da vida na cidade à época. Esta pesquisa é continuação de outras que vêm sendo desenvolvidas nos últimos anos (SOBRAL, 2014, 2016).

Crônica: entre o jornalismo e a literatura

A crônica é uma literatura-jornalismo. Reconhecida hoje como gênero literário e gênero jornalístico por excelência, seu princípio básico é registrar o circunstancial.

Toma do texto do jornal, o coloquial, e da poesia, o lirismo. O cronista do jornal é repórter e escritor, e, acima de tudo, um grande redator. A liberdade e o descompromisso são as marcas da crônica. Esse gênero pode e não pode ter suporte na realidade – o seu exercício é de liberdade. Sua motivação é o banal, o diário, o cotidiano. Tudo pode ser objeto de uma crônica. Ela popularizou a literatura brasileira, apresentou os romancistas e chamou o público a pular da página do jornal para a leitura dos romances e dos livros de contos. Os poetas também assim ganharam popularidade.

No Brasil, a crônica tem uma boa história. Até se poderia dizer que, sob vários aspectos, é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou e a originalidade com que aqui se desenvolveu. A origem da crônica no jornal é o folhetim, artigo de rodapé sobre questões do dia (políticas, sociais, artísticas, literárias). Com o tempo, diminuiu de tamanho, tornou-se mais leve e chegou ao que hoje se conhece por crônica. A mudança foi o tom informativo e de comentário para a função de divertir.

O marco inaugural é o folhetim no século XIX. Cândido (1992) esclarece que o folhetim era uma espécie de artigo de rodapé com comentário sobre política, literatura, artes, as coisas do dia e, assim, aos poucos, foi se transformando, encurtando, tornando-se mais leve, até assumir as feições que consagraram definitivamente o gênero.

Literatura da brevidade, exercício de recuperação da memória, da história social, da história do simples da vida, este é o todo objeto e assunto da crônica. Cresceu com a circulação dos jornais no começo do século XX e a popularidade dos jornalistas e da sua capacidade de inventar um jornalismo em forma de crônica.

Moraes (2009) foi taxativo ao apontar que na crônica está o coração do jornal, é herdeira dos *essays* ingleses do século XVIII que a libertaram para o caminho que assumiu de ser livre, casual e lírica. Coisa que Moraes (2009) acusa: ela estaria perdendo por uma prática de um tipo de crônica que ele, numa espécie de crítica, chama as crônicas vagas, temperamentais, ególatras, à *clef*, para alertar para a missão do cronista de contrabalancear o peso da realidade do jornal, por isso, é obrigação do cronista é “ser leve, nunca vago; íntimo, nunca intimista; claro e preciso, nunca pessimista” (MORAES, 2009, p. 53).

Em Natal, no Rio Grande do Norte, a crônica moderna nasce após a Segunda Guerra Mundial, período que transformara a cidade. A população aumentou, os hábitos mudaram, novos jornais surgiram na praça. A *Tribuna do Norte* foi fundada em 1950, Ano XIV, n. 6. Junho /2018. NAMID/UFPB -<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>

com duas linotipos e uma impressora, distribuindo dois mil exemplares, uma edição de doze páginas e uma seleção de colaboradores.

Jornais eram sete em circulação: *Tribuna do Norte*, *Diário de Natal*, *Poti*, *A Ordem*, *Jornal de Natal*, *Jornal de Comércio* e *A República* (MADRUGA, 1998). A transformação também implicou a fundação da faculdade de jornalismo Eloy de Souza, em 1962, criada por lei estadual, que funcionava no edifício da e sob a administração da Fundação José Augusto.

O jornal impresso basicamente era a reportagem, a notícia e a entrevista, o artigo, a coluna e a crônica. Em 1951, o *Jornal do Brasil* fez uma reforma e adotou a conhecida técnica do lead, invenção do jornalismo norte-americano, cuja notícia é estruturada a partir da resposta a questões do tipo: o que aconteceu, quando aconteceu, onde aconteceu e porque aconteceu.

O curso de jornalismo também era novidade, começou na Universidade do Brasil, Rio de Janeiro (1935) e foi esperar até 1947, para aparecer outro, e foi em São Paulo na Cásper Libero. Em Natal, a Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza é de 1962. Eloy de Souza em homenagem ao político e jornalista do Rio Grande do Norte. Mantida pelo governo estadual, cujo órgão responsável pela sua gestão era a Fundação José Augusto. O primeiro diretor foi o mineiro Luís Rabelo, que foi o responsável pela reforma do *Jornal do Brasil* e era diretor executivo da famosa Revista Senhor (1959-1964).

E assim, a crônica teve a sorte de registrar os fatos, a vida e a cidade e assim, os cronistas fundaram definitivamente a crônica moderna nos jornais e a praticaram-na fazendo dela uso preciso. Contar a vida a partir da própria perspectiva, as coisas da cidade e as andanças pelo mundo. O cronista foi então o historiador do presente e o biógrafo da própria vida.

A crônica é um sistema em o cronista fala de si próprio, por isso é possível fazer uma leitura em múltiplos ângulos. As personagens da história são os próprios cronistas, amigos, pessoas da cidade. A crônica conflui todos estes elementos o que faz dela expressão e representação. A presença da memória para a construção da autobiografia ficcional é a revelação ao mesmo tempo da história particular e coletiva, é o cunho da universalidade que está presente na matéria narrada (CÂNDIDO, 1989).

A gênese do estudo sobre crônica é o seu *savoir faire*. Taxada de literatura da brevidade, é considerada por uns uma atividade jornalística; para outros, pura literatura (SOARES, 2014). A crônica é um gênero em trânsito consagrado. Jornalistas e escritores brasileiros revezaram o título nas páginas dos jornais pelo ofício da crônica. Elegendo por temas a observação da vida e a composição da vida na cidade, pelo retrato das pessoas, ruas, lugares, acontecimentos, compõe uma história diária do tempo presente da cidade, merecendo, então, ser revisitada como objeto de investigação.

A crônica é um manancial literário, histórico, geográfico, memorialístico e sentimental, social e cultural, interessa às ciências humanas em todas as suas vertentes. É importante destacar que poucos são os estudos que levam em conta a crônica como suporte ou objeto de investigação. Desprezada como literatura menor, relegada ao efêmero da página do jornal do dia e ao bolor dos inacessíveis arquivos dos jornais, totalmente esquecida e desprezada é também suplantada como literatura (SOARES, 2014).

A memória involuntária também se manifesta na crônica, um dado acontecimento, objeto, lembrança, pode desencadear algum aspecto revelador do passado que será motivo para uma crônica. A crônica não é só registro do presente. Bosi (1994) esclarece que lembrar não é reviver, mas sim reconstruir as experiências do passado. A crônica, portanto, é um trabalho de registro da memória e que no hoje permite uma releitura do passado. Halbwachs (2006) explica que todo processo de construção da memória passa pelo sujeito. A memória, portanto, é ressonância do passado no presente e a capacidade de reter informações do passado. Assim se tece a memória individual, cada olhar é único (BRANDÃO, 2008).

A construção do passado é formada por um *background* em que se inserem as relações familiares, ou seja, as vivências com a família, as relações pessoais com os amigos e outras pessoas e a própria formação intelectual do memorialista/cronista (BOSI, 1994). O cronista que antes de tudo é um memorialista responde a este comando, fixa as memórias por escrito, seu papel é o de registrar o acontecimento cotidiano que elegeu por objeto de sua crônica.

Seu papel é também o do historiador, cuja meta é refazer no discurso presente acontecimentos do passado ou reconstituir os fatos (BOSI, 1994). E tudo se transfigura pela arte da narração, o narrador é aquele que narra a própria experiência. A memória é

fruto dos relacionamentos e uma construção do passado no presente. O estudo da memória social é meio fundamental de abordar as questões do tempo e da história, alertando que a evolução da memória e o aparecimento da escrita são trabalhos do desenvolvimento urbano.

Nas crônicas se observa a presença do cronista como narrador da sua própria história, seja apenas descrevendo uma cena do cotidiano, que não se passa sem que o enquadramento da cena, seja a própria visão do cronista contemplando a vida, ou quando narra um acontecimento presenciado, ou até dito por um amigo, um familiar; seja dos fatos ocorridos no passado, as lembranças da infância, as histórias de família ou do passado.

A crônica contribui com uma margem ampla de trabalho e investigação em que todos os aspectos relacionados podem ser encontrados. Uma leitura prévia, e empreendida, da obra dos cronistas, sejam crônicas de Rubem Braga, Vinicius de Moraes, Fernando Sabino, Raquel de Queiroz, e tantos outros escritores brasileiros que se revelaram também pela crônica no jornalismo, e dos cronistas dos jornais de Natal, Berilo Wanderley, Newton Navarro e Sanderson Negreiros, traçam este marco característico e elementar da crônica, que recuperamos nestes pequenos-ensaios-crônica-perfil de Newton Navarro, Berilo Wanderley e Sanderson Negreiros. Ei-los, os cronistas:

O cronista das bolhas de sabão, vivente da cidade

Newton Navarro passava na *Tribuna do Norte* com a crônica datilografada à máquina ou escrevia na própria redação. Agitador cultural, pintor, artista que voltou à cidade em, 1948, vindo da efervescência cultural de Recife, onde fora a pretexto de estudar Direito e terminou nas aulas de desenho de Lula Cardoso Aires. Lançou arte moderna em Natal de cachecol, fantasiado de pintor, como seus amigos relataram em obra dedicada às memórias sobre ele, *Saudade de Newton Navarro* (ALMEIDA; RUBIANO; SOBRAL, 2013). Becos, ruas, bares, o rio, os viventes, as figuras emblemáticas são as suas crônicas sem dia certo. A crônica na obra de Navarro é um exercício múltiplo de suas habilidades literárias. Autobiografia não escrita e uma história da cidade revelada.

Newton Navarro Bilro (Natal, 1928-1991) foi um vivente da cidade, das festas oficiais, dos palanques políticos, das mesas dos bares, dos salões literários e da festa das exposições, frequentou todos os espaços, andou por todos os bairros. Personalidade conhecida e reverenciada. Teatrólogo, cenógrafo, ator, orador, poeta, cronista, contista, novelista, muralista, desenhista, pintor.

Confesso baudelairiano, inventor de si mesmo, circulava pela cidade construindo o mito Navarro, ao mesmo tempo em que se dedicava com afinco e cuidado a preparar uma obra artística sólida, ao escrever e encenar peças de teatro, ao publicar crônicas e ao eleger temas caros à literatura brasileira.

A tudo isso Navarro impregnou com o seu toque existencialista numa atitude, a exemplo de Hemingway, de um escritor que parte de sua realidade para criar a sua ficção. Era preciso viver, conhecer e sentir para contar. As suas crônicas são parte e exemplo bem acabado de um projeto literário que criou, compartilhando a cena da cidade e o exercício da crônica.

Sobem bolhas de sabão. O cronista admira a menina que, do alto da varanda, encanta a garotada com seu sopro mágico, e escreve: “Fluidas, passageiras, levadas pelo vento na hora da manhã. O entusiasmo do pequeno público que a tudo assistia deslumbrado. A vida passando nas bolhas que a menina espalhava no tempo” (NAVARRO, 2013, p. 128). O cronista é Newton Navarro no desenho da vida, nas páginas da Tribuna do Norte e do Diário de Natal, jornais em que exerceu a atividade de forma irregular, ao sabor do tempo.

Não há precisão de quando se estampou a primeira ou de quando saiu a derradeira, mas é certo o fato de que Navarro publicou febrilmente nos anos 1960. Há uma linha de agrupamento que as irmanam em certos temas, o que já sinaliza a matéria que Navarro dedicava para as suas crônicas: o círculo familiar e de amizade, as coisas da cidade e a poética do cotidiano. Navarro escreveu sua autobiografia em seus textos e ao mesmo tempo biografou a cidade que tanto venerou e viveu.

Os espaços da cidade definidos e demarcados com pinceladas vivas da presença de corpos da cidade na paisagem fulgurante em que se encenam o amanhecer, o entardecer e o passar das horas e dos dias na paisagem. O rio, o Forte dos Reis Magos, a ponta do Refoles, a barra, o porto, os casarões, os botecos, a Ribeira.

A noite é uma das grandes personagens, a poesia do narrador e a boêmia instalada. As lembranças são também fio condutor e personagens. É através delas que Navarro passeia no tempo das histórias e causos da vida no dia a dia, e assim justifica a missão de cronista, e da coletividade, sendo ele a voz das tantas vozes, o narrador da irmandade.

Contam os amigos que Navarro sentava diante da máquina de escrever e rapidamente redigia a sua crônica (ALMEIDA; RUBIANO; SOBRAL, 2013). Dizem que era gestada no caminho de casa para redação. Descia lá Navarro, que morava em Petrópolis àquele tempo, rua Potengi, em direção à redação da Tribuna, na Ribeira, e no caminho tirava a matéria da crônica do dia. Assim, por certo, nasciam as crônicas impregnadas, e tanta coisa do cotidiano, como o falar dos passarinhos, amor que dividia com Rubem Braga, o escritor que se fez na crônica e fez dela literatura e literatura moderna.

O cambiante de temas da razão dos dias e do sabor das horas. Navarro sentava e escrevia desafiando o tema do dia, embora esse método de trabalho e essa característica da crônica de ser de tudo possa apontar um quadro caótico em que não se identifiquem certos temas, predileções etc. O brilho de sua literatura na riqueza das descrições e perfis dos personagens, na facilidade com que agarra qualquer tema pueril e encontra nele a beleza e o sentido da vida.

As construções são sempre imagens poéticas que arrebatam o leitor e levam o corriqueiro da vida à categoria do que realmente é o importante. O criador, o memorialista, não pode partir de outro ponto que não dá sua experiência de vida. Mais que observador, Navarro foi um cronista vivente, por isso, talvez, para a realização de sua arte tenha vivido de forma tão plena e intensa.

Um cronista sentimental na crônica *Milhã* e dramático na crônica *Elpídio Soares Bilro*, que lembra o retrato do pai esboçado por Vinicius de Moraes, quando também sofria a perda paterna. De maneira que na crônica está a biografia de Navarro, sobretudo a sentimental. Os temas se espelham quando escreve a crônica *A alma do grande sertão* (NAVARRO, 2013). Nessa crônica, se observa a forte característica prática do gênero de fixar os dias nas coisas diárias.

Há a solta presença não identificada das pessoas do seu círculo de convivência e amizade que brotam ao natural em suas reminiscências, cuja identidade se perde no

tempo e no anonimato do afeto: quem foi Helena da casa grande do Tirol (personagem de uma crônica) que fazia doces?

Poeta dos passarinhos, existencialista nas conversas com Sanderson Negreiros, relator dos personagens da cidade, Xarias e Canguleiros, a conversar com os leitores, a homenagem aos amigos, o leitor dos seus pares, defensor do Ateneu, admirador dos artistas amigos, o desenhista dos dias lentos, dos belos dias, das bolhas de sabão, domingo e paisagem, Newton Navarro consagrou a crônica por completo porque exerceu por ela toda a diversidade que lhe é permitida.

B.W., o cronista da cidade

Francisco Pinheiro Berilo Wanderley (Natal, 1934-1979), o B.W., foi jornalista, promotor, professor e diretor do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pertencente a geração brasileira cuja crônica saía reflexo do cotidiano, da vida na cidade. Lá ia o cronista na lotação lendo o seu livro e colhendo episódios fatídicos do dia-a-dia, da música popular brasileira que se ouvia, do cinema, da literatura, reflexo do movimento cultural de então, que transformava no objeto do seu jornalismo. Tudo isto está nas suas crônicas que hoje perduram nas coletâneas e antologias e no arquivo dos jornais (WANDERLEY, 1980, 1994).

Muito mais que cronista, B.W. foi jornalista cultural, está na sua coluna quase que diária, a *Revista da Cidade*, publicada no jornal *Tribuna do Norte*, todas estas facetas, objetos do seu interesse, a vida da cidade (matéria da crônica), o cinema (matéria de suas resenhas), a música e a literatura, e ainda mais notas da conversa da cidade. *Revista da Cidade* não era um mundo à parte, era Natal do seu tempo.

Tudo começou na *Revista da Cidade*, coluna do jornal *Tribuna do Norte*, em 1956. Berilo ia para substituir, numa coluna que mantinha com o título de *Revista da Cidade*, o jovem estudante de Direito e cronista social Woden Madruga de viagem marcada para Maceió. Na coluna desfilavam casamentos, batizados, noivados, aniversários, chegadas e partidas, a conversa diária, os famosos *fait divers*, percussores do que seria a crônica moderna no Rio Grande do Norte.

Berilo seguiu à risca o conteúdo proposto para a coluna, mas foi modificando aos poucos, foram saindo os batizados, os casamentos, as notinhas e foram chegando os

comentários sobre livros e cinema e definitivamente a crônica, que se tornou o carro chefe de sua atividade.

Na *Tribuna do Norte*, foi inteiramente senhor do seu pedaço, a *Revista da Cidade* e a *Revista da Europa*, depois a coluna *A vida e os homens* e a *Jornal de B.W.*; posteriormente, em *A República*, escreveu a coluna *Encontro*, e quando retornou a *Tribuna do Norte*, onde até o dia da morte escreveu a sua crônica, voltou para o espaço da *Revista da Cidade*. A coluna era um pouco de tudo. Encabeçava oficialmente uma crônica, a que se seguia uma seção de notícias da cidade, quem estava, o que fazia, o que aconteceu, no monde dos artistas, intelectuais e boêmios.

Estão nas suas crônicas as cervejas com o poeta, jornalista e amigo Celso da Silveira e Luis Carlos Wanderley, o que há de melhor e o que precisa a cidade de Natal, pelo também poeta, amigo e jornalista, Sanderson Negreiros, e tantos outros, noticiados pela convivência amigável e diária pelos cantos da cidade, as casas de amigos, os bares e botecos, os lançamentos de livro, a cidade movimentada dos anos 1960, em pleno governo de Djalma Maranhão. Depois vinha resenha e comentário de livros e as novidades da livraria e o cinema.

Cronista naquele tempo era profissional de carteira assinada por Agnelo Alves, o diretor da *Tribuna do Norte*, e salário. Consta que a primeira atividade do dia do cronista era escrever a crônica. Berilo acordava bem cedo, cinco horas da manhã e já se punha a procurar o assunto para a sua crônica e a reunir os elementos necessários para compor cada uma das seções de *Revista da Cidade* (SOBRAL, 2016).

As crônicas dos anos 1950 registram a solidão do cronista e a companhia dos livros, era o tempo da faculdade, da cerveja, do vinho, das moças bonitas. Quando o sol quebrava por trás do rio de águas sujas que o poeta Ferreira Itajubá via um lençol azul de águas diáfanas, Berilo por ali vagava. Tomava o caminho da saudade, atravessa a Rua da Floresta e saía em busca do sabor das saunas fritas no dendê acompanhadas de tapioca, obra de dona Eliza.

Angústias e cansaços se dissolviam na cerveja que acompanhava, que gelada explodia numa festa de espuma dentro do copo. Quando não se entregava a uma parada numa casa de gelados para espantar o calor do verão com uma laranjada. Duas pedrinhas de gelo flutuando a borda do copo diminuindo o calor dentro de nós.

Tempo de ler deitado na rede, de ouvir música e receber cartas, de não gostar de conferências e dormir cedo, tempo de sábado com pasteis, futebol e boatos. Tempo de firmar as amizades. Berilo e o jornalista Woden Madruga se conheceram no começo dos anos 1950. Natal era uma cidade de pouco mais de 150 mil habitantes.

Discutia política, literatura, coisas da vida e a autolotação a três cruzeiros levava e trazia o cronista da casa na Presidente Bandeira ao jornal e a faculdade na Ribeira, sempre com o pensamento mergulhado na leitura de um livro e um olhar atento para a cena do cotidiano. Quando ia lotado o ônibus da Ribeira-Candelária o cronista sabia haver matéria para a escrita do seu ofício.

A crônica, o lirismo: Sanderson Negreiros

A precocidade acompanhou José Sanderson Deodato Fernandes Negreiros (1939-2017). Saiu menino do Colégio Santa Águeda, em Ceará-Mirim, Rio Grande do Norte, aos nove anos de idade, para o Colégio Salesiano, em Natal. Teve vida breve no Seminário São Pedro, renunciando ao futuro sacerdócio e incorporando-se à vida da cidade. Passou pelo Colégio Marista, cursou o Atheneu Norte-rio-grandense, foi para faculdade de Direito no Recife, voltou para a faculdade de Direito de Natal, por fim, bacharel em 1963. Foi a sua formação. Outra escola foi o jornalismo.

Começou a escrever aos 16 anos, cronista da *Tribuna do Norte*. Com sensibilidade de poeta, no mesmo ano lançou o primeiro livro de poesia, *Ritmo da Busca* (1956), bem recebido pela crítica e pelo público. Continuou poeta publicando livros, engajado com a turma do poema processo em Natal na década de 1960. Foi o autor do manifesto. Redator de *Manchete* e *Visão* no Rio de Janeiro numa curta temporada, adjunto de promotor em Ceará-Mirim e Santa Cruz, dentre outras funções anotadas no seu currículo (SOBRAL; BULHÕES, no prelo).

Cronista desde o princípio, escreveu para a *Tribuna do Norte* e o *Diário de Natal*. A crônica sempre foi a sua revelação do mundo e um diário íntimo. Existencial, fez cálculos sensatos e decentes, lia no mínimo dois mil livros ao ano, o amor cultivaria para sempre bem amar, o pessimismo era para abandonar para longe no cotidiano de cortar o cabelo, tomar o ônibus e engraxar os sapatos (NEGREIROS, 1998).

O cronista Sanderson é um terráqueo, tem os pés no chão e nas coisas a fazer. Sonha ler mais poesia e pretende estudar Camões, nunca perder tempo e sempre ganhar espaço. Cumprirá suas atividades e será feliz. O cronista é um homem de fé e falso resignado na sutil ironia que lhe convém.

O cronista é maroto e espreita mistérios. Entre prós e contras, desfilam suas crenças e ideologias. Só o comove o destino das pessoas humildes, mais do que tudo, são anônimos do heroísmo diário. Não o conforma a baba dos invejosos, a traição dos covardes e a falta de cerimônia dos fracassados. Contrário ao derrotismo, à ingerência, o despotismo e à falência que povoa o mundo, impõe um remédio: a poesia e o amor que cabe na finitude do homem e do universo.

Sabe das questões mais urgentes: a do amor e as mulheres. Oscila entre as inquietações maiores da existência e as coisas do dia a dia, sobretudo, as do coração. Da cidade, anota os problemas do cotidiano, falta de luz, telefone mudo, ruas esburacadas, trânsito, enxerga os seus habitantes: poetas especialistas em jazz, boêmio em levitação, loucos e chatos. E muito mais. Uma cidade em trânsito e o Grande Ponto fervilhando. A Natal, cidade que há 100 anos era uma festa. Também se pinta de cores Ceará-Mirim da infância revisitado, saudade que dói como a Itabira, de Drummond. Assim o cronista revela a crônica, o seu diário íntimo na paisagem urbana.

Considerações finais

Constatamos através da leitura das crônicas de Newton Navarro, Berilo Wanderley e Sanderson Negreiros, publicadas nos jornais da cidade do Natal, entre 1950 e 1980, que o cronista, além de fixar a sua imagem particular de temas do cotidiano, aponta traços de sua trajetória nos seus escritos que aqui incorporamos na composição destes perfis ao estilo da crônica.

A crônica revela não só o pensamento, mas a ação do cronista em movimento na vida e na cidade e revela uma construção de mundo que não é só individual, mas também coletiva, e assim representa a história do seu tempo. Inegável a contribuição destes cronistas para a fixação do gênero nos jornais da cidade e para a construção de um jornalismo impresso plural, em que a crônica funciona como gênero tão importante e necessário quanto a reportagem, a notícia, a entrevista e o artigo.

Impossível construir a biografia destes cronistas sem recuperar os traços biográficos espelhados em suas crônicas; impossível contar a história do jornalismo no Rio Grande do Norte, e na cidade do Natal, sem contar a atuação e a contribuição destes três jornalistas que de forma perene e contínua desempenharam o papel de cronistas por décadas.

Assim, a crônica ainda merece um olhar dedicado e acurado que amplie a sua capacidade de revelação para além do seu lirismo, haja vista que ela é capaz de revelar aspectos autobiográficos do cronista, transformando-se, dessa forma, no que entendemos por jornalismo autobiográfico. Considerá-la um registro da memória coletiva é estender a sua capacidade, tornando-a documento necessário e fidedigno e objeto de estudo em outros campos, quais sejam da biografia e da história do jornalismo.

Referências

ALMEIDA, Ângela; RUBIANO, Helton; SOBRAL, Gustavo (Org.). **Saudade de Newton Navarro**. Natal: Edufrn, 2013.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, V. M. A. T. **Labirintos da memória**: quem sou? São Paulo: Paulus, 2008.

CÂNDIDO, A. A vida ao rés do chão. *In*: CÂNDIDO, A. **A crônica**: o gênero, sua fixação e transformações no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.

CÂNDIDO, A. Poesia e ficção na autobiografia. *In*: CÂNDIDO, A. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

MADRUGA, W. Quase prefácio (em busca do tempo reencontrado). *In*: NEGREIROS, S. **A hora da lua da tarde**. Natal: Liv. Independência; Fundação José Augusto, 1998.

MORAES, V. O exercício da crônica. *In*: MORAES, V. **Para uma menina com uma flor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NAVARRO, Newton. MELO, Paulo de Tarso Correia; SOBRAL, Gustavo Leite (Org.). **Sete poemas quase inéditos e outras crônicas não selecionadas**. Natal: Edufrn, 2013.

NEGREIROS, Sanderson. **A hora da lua da tarde**: crônicas. Natal: Independência; Fundação José Augusto; Chegança, 1998.

SOARES, M. V. N. **A crônica brasileira do século XIX**: uma breve história. São Paulo: É Realizações, 2014.

SOBRAL, Gustavo. O maior da literatura menor. **Revista ANL - Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Norte**, n. 41, p.29-43, out/dez 2014.

SOBRAL, Gustavo. **Berilo Wanderley**: o cronista da cidade (ensaio biográfico). Natal: Editora 8 e Caravela Cultural, 2016.

SOBRAL, Gustavo; BULHÕES, Juliana (Org.). **Memórias do jornalismo no Rio Grande do Norte**. No prelo.

SOBRAL, Gustavo; RUBIANO, Helton (Org.). **Cinco cronistas da cidade**. Natal: Edufrn, 2017.

WANDERLEY, B. **B.W.**: contos, crônicas, poemas e fragmentos de Berilo Wanderley. Natal/RN: Edufrn, 1994.

WANDERLEY, B. **O menino e seu pai caçador**: crônicas. Natal: Clima e Fundação José Augusto, 1980.